

José Manuel Ribeirinho - Director do Centro de Formação de Faro  
(texto)

Tomo a Educação como a pedra basilar de uma Sociedade. Não em termos exclusivamente de resultados académicos, mas em termos de resultados educativos. A Excelência é sempre uma meta a perseguir. Contudo, não estamos congregados num esforço pela busca de uma melhoria, partindo de uma situação já satisfatória. Não, os indicadores mostram que o estado da Educação, no nosso País, vai mal. Muito mal. Bem, a Escola reflecte a Sociedade mas, por sua vez, cabe-lhe contribuir para produzir a sociedade.

Apontar o que vai mal levaria a nenhures – outros o têm feito, com muito rigor. Assinalar os maus desempenhos dos alunos portugueses, corresponde a reconhecer um padrão que nos tem caracterizado ultimamente – um país de fraquíssima produtividade (o penúltimo da Europa dos 25), uma escola de maus resultados educativos, uma escola não produtiva. Há que inverter rapidamente a situação. Opto pois por focalizar o meu depoimento na estratégia organizacional, e em como esta pode/deve suscitar a motivação dos alunos para a aprendizagem, para a aquisição de saberes e competências. Alunos motivados para o trabalho escolar, investem, investem-se e os bons resultados aparecem e a escola torna-se produtiva. A montante da desmotivação que caracteriza ...

As condições necessárias, diria indispensáveis, para que os alunos se sintam motivados no trabalho que é suposto ser desenvolvido na Escola, são as mesmas necessárias à motivação dos membros de qualquer organização, aquelas que as organizações bem sucedidas asseguram ou se esforçam por assegurar: a realização pessoal e profissional, a garantia de equidade e o desenvolvimento de um clima relacional e de trabalho, cooperante e produtivo.

Voltando à escola, é imprescindível que:

a) O Aluno sinta orgulho nos seus professores, na sua Escola e no que ele próprio consegue alcançar; b) O Aluno se sinta respeitado, que seja tratado com justiça em termos de reconhecimento dos seus méritos, reconhecimento esse que se traduzirá em incentivos de diferente tipo;

A Escola assegure um clima relacional harmonioso e de trabalho produtivo, em que a cooperação e a partilha entre colegas, entre alunos, professores, funcionários, encarregados de educação e demais membros da comunidade educativa sejam a marca distintiva da Organização

Em suma, o aluno, enquanto indivíduo, precisa de sentir a sua realização, de que é tratado com equidade e de que coopera e partilha, para querer investir na Escola e no que ela lhe propõe, porque valerá a pena. Ora, muito frequentemente a ideia que se transmite é a de que:

a) Estudar é uma imposição de passividade, sem acção; b) Estudar é cumprir programas; c) Estudar é apenas um meio para, mais tarde, se ganhar dinheiro; d) Estudar é um mal necessário; e) Estudar é fastidioso. Se o trabalho escolar for encarado como o tripalium, um instrumento de tortura, ele não é feito com brio; pelo contrário, se o estudo for gratificante e proposto como um meio para a melhoria pessoal e se se salientar bem o contributo para um ambiente social de qualidade, possivelmente, o trabalho escolar que o progresso no estudo implica passará a ser olhado de outra forma. Ser gratificante significará que o bom trabalho é reforçado pelo reconhecimento; mas significará também que se valorizam os bons resultados do colectivo, que se espera a excelência, que se cultivam a autonomia, a corresponsabilização, que se clarificam

as metas, os resultados esperados, as estratégias de ensino e aprendizagem e os critérios de avaliação dos desempenhos; significa ainda que se pratica a transparência, que se responsabilizam os alunos na tomada de decisões, como meio para se desenharem estratégias e estabelecerem alianças táticas rumo às metas definidas para a Escola

Que procedimentos, por parte dos responsáveis organizacionais, na escola, desmotivam os alunos?

Além do não reconhecimento do mérito do Aluno, geralmente pautam os seus procedimentos pelo paternalismo, pelo laxismo, valorizam ou deixam instalar-se o individualismo, a competição desenfreada, práticas rotineiras e sucedâneas de paternalismo.

O programeirismo e o controlo unilateral neutralizam o engenho e a criatividade; o funcionarismo (a superprotecção, a excessiva complacência) e as rotinas instaladas desresponsabilizam, podem produzir o servilismo, o acomodamento e, até, o salve-se quem puder; o culto da irresponsabilidade e a competição desenfreada contrariam a cooperação e impedem o desenvolvimento pessoal e organizacional. Não promovem a formação de Cidadãos.

Além disso, transmitem uma mensagem negativa aos Alunos motivados e bem formados – que acabam por interiorizar a ideia de que constituem exclusivamente um recurso e pouco mais ...

- REALIZAÇÃO – Ter orgulho no que consegue alcançar. - EQUIDADE – Sentir que se obtêm garantias, reconhecimento, certezas e não promessas. -

COOPERAÇÃO/PARTILHA – que se efectiva nas finalidades – *um por todos e todos por um.*

Decididamente é necessário melhorar a capacidade de motivar o trabalho nas escolas:- Propondo linhas de orientação precisas, envolvendo o estabelecimento de metas e cumprindo programas de acção, até à exaustão.- Promovendo a introdução e execução de contratos-programa entre os alunos, pais e responsáveis organizacionais, recorrendo a incentivos/penalizações;- Trabalhando com vista à prestação de contas.